

## DO FLÂNEUR AO CIBORG – TEORIAS FILOSÓFICAS DO ESPAÇO

Clarissa Ribeiro

Pesquisadora do Nomads.USP – Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.

### Resumo

A partir de colocações sobre a importância da relação entre arquitetos e filósofos na História da Arquitetura, discutimos algumas *teorias filosóficas do espaço*, focalizando as interpretações filosóficas da tecnologia e suas interfaces com a *experiência espacial da cidade*. Essas questões são colocadas a partir de textos de dois filósofos - Walter Benjamin e Paul Virilio. Apresentados esses dois olhares, procuramos mostrar a importância dessas reflexões para a construção de um pensamento arquitetônico – a contribuição do pensamento filosófico para o debate em torno do espaço, da cidade, e as relações com as *Tecnologias da Informação e Comunicação*.

**Palavras-Chave:** *Teorias Filosóficas do Espaço; Experiência Espacial da Cidade; Tecnologias da Informação e Comunicação.*

### 1. Filosofia e Arquitetura

O Professor Daniele Vitale (VITALE, 2004) em sua aula sobre Livros de Arquitetura, dentro da disciplina - "Tópicos Especiais 4: Pesquisa em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo" -, coloca a certo ponto que "a relação entre arquitetos e filósofos é muito importante na História da Arquitetura: no pós-guerra, um grupo de arquitetos chega a procurar o filósofo Martin Heidegger para tentar discutir possíveis bases teóricas". Destacado ainda a importância desse filósofo para muitas reflexões no âmbito da arquitetura, o Professor Daniele (2004) coloca que "Solá Moralles expressa essa influência de Heidegger para os arquitetos".

Heidegger (1979) combate a percepção da tecnologia como "moderna". Seu objetivo é investigar, questionar a "essência" da tecnologia. Heidegger (Heidegger, 1979), foi um dos maiores críticos das modernas tecnologias, usando o espaço da habitação em um ensaio como exemplo para a sua tese de que as novas tecnologias *falsificaram* a vida humana. "Habitação" é um termo chave nos primeiros escritos filosóficos de Heidegger, que chega a usar a habitação rural na Floresta Negra para ilustrar o que ele quer dizer quando afirma que *construir e morar* são os modos através dos quais os homens *são* e *estão* no mundo. Exemplo da influência desse pensamento, o engenheiro e pesquisador norte americano Michael Paul Jones (2004), propõe uma análise da habitação como metáfora para os meios através dos quais os homens existem no mundo, colocando a abordagem como uma extensão à descrição fenomenológica de Gaston Bachelard da habitação e da vizinhança. Bachelard (2000) em "A poética do Espaço" coloca que "se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz". Essa reflexão se estende ao espaço urbano. O professor Antonio Luiz M. Andrade (2004) em artigo intitulado "Cidade, A Embalagem da Memória", coloca que "a cidade é heterogênea, produto de várias sociedades e de contraditórios momentos históricos; a cidade é uma enciclopédia de memórias que guardam conflitos, [...] a arquitetura, antes de se prestar a um determinado fim, o de abrigo de atividades realizadas pelo homem, é depósito de fantasias e imaginações". Quando aborda a questão do espaço urbano, o Professor Vitale (2004) fala dos escritos do pensador Walter Benjamin sobre a relação entre os habitantes e a espacialidade da cidade. Vitale (2004) diz que "Benjamin escreveu trechos muito bonitos sobre as cidades concretas, mostrando como é belíssimo conhecer a cidade como se estivéssemos nos perdendo em um bosque: simplesmente entrando e caminhando - conhecer a cidade perdendo-se". O professor ressalta aqui, novamente, a importância dessa relação entre filosofia e arquitetura e fala das relações atuais entre arquitetos e filosofia, quando questionado sobre a recorrente citação de escritos do francês Paul Virilio por arquitetos contemporâneos. Daniele (2004) acredita que, "em arquitetura, o pensamento tende de maneira

geral a se relacionar com o mundo das formas”. No entanto alerta para o perigo de “a relação entre arquitetura e filosofia perder a profundidade e acabar se tornando uma moda”. Nesse contexto, destaca-se a importância de discutir essa relação histórica entre filosofia e arquitetura. No presente trabalho, abordamos as *teorias filosóficas do espaço*, focalizando as *interpretações filosóficas da tecnologia*, suas interfaces com a *experiência espacial da cidade* - do espaço urbano. Discutimos essas questões a partir de textos de dois filósofos - Walter Benjamin e Paul Virilio, tentando traçar um paralelo entre suas visões, suas concepções a respeito das questões aqui levantadas. Colocados esses dois olhares, inseridos cada qual em tempo e espaço específicos, procuramos mostrar a importância dessas reflexões para a construção de um pensamento arquitetônico – a contribuição do pensamento filosófico para o debate em torno do espaço, da cidade e as relações com as *Tecnologias da Informação e Comunicação*.

## 2. Benjamin e Virilio

### 2.1. Walter Benjamin

Leitor de Marx, Proust, Brecht, Scholem e Kafka, Walter Benjamin, em sua obra, incita a interpretá-lo como uma experiência que compreende a riqueza do mundo em suas aparências e visibilidades. Aqui procuramos, explorando apenas alguns temas dentro do pensamento de Walter Benjamin, focalizar especialmente aspectos desses pensamentos que, de alguma maneira, contribuem para o entendimento do espaço urbano, e para as discussões em arquitetura. Procedemos a uma interpretação desses temas dentro do pensamento de Benjamin relacionando-os à arquitetura, partindo da sua idéia de descrição como um agente normativo, de que a descrição é uma maneira de recriar os objetos que vemos, sob nossa visão de seu potencial, e chegando a suas colocações sobre o espaço urbano, a cidade.

#### 2.1.1. Percepção do Espaço

Walter Benjamin, a partir de seus escritos, pode ser interpretado como alguém que tinha habilidade para observar, podia ver com precisão e profundidade, ver *através*. Seu pensamento é provocador, na medida em que sua interpretação da vida cotidiana transforma todas as expectativas. Suas colocações forçam a olhar para problemas e eventos sob uma nova ótica, por outros ângulo e escala.

No ensaio “A obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica”, Benjamin (1994) trabalha a questão de que a descrição é uma maneira de recriar os objetos que vemos, sob nossa visão de seu potencial, colocando a relação entre indivíduos e sociedade e a arquitetura. Coloca a relação com a arquitetura como exemplo de recepção tátil e ótica pela massa. Coloca que (1994) “a massa distraída [...] faz a obra de arte mergulhar em si, envolve-a com o ritmo de suas vagas, absorve-a em seu fluxo. O exemplo mais evidente é a arquitetura”. Benjamin desenvolve essa colocação:

“Os edifícios comportam uma dupla forma de recepção: pelo uso e pela percepção. Em outras palavras: por meios táteis e óticos. Não podemos compreender a especificidade dessa recepção se a imaginarmos segundo o modelo do recolhimento, atitude habitual do viajante diante de edifícios célebres. Pois não existe nada na recepção tátil que corresponda ao que a contemplação representa na recepção ótica. A recepção tátil se efetua menos pela atenção que pelo hábito. No que diz respeito à arquitetura, o hábito determina em grande medida a própria recepção ótica. Também ela, de início, se realiza mais sob a forma de uma observação casual que de uma atenção concentrada”. (BENJAMIN, 1994, p.193).

Benjamin (1994) afirma ainda que, essa recepção ótica, “concebida segundo o modelo da arquitetura tem, em certas circunstâncias, um valor canônico”. Isso se dá, segundo o filósofo, “pois as tarefas impostas ao aparelho perceptivo do homem, em momentos históricos decisivos, são insolúveis na perspectiva puramente ótica: pela contemplação. Elas se tornam realizáveis gradualmente, pela recepção tátil, através do hábito”. Assim, Benjamin nos leva a reconhecer as características que, vendadas pelo ordinário, precisam tornar-se visíveis. No ensaio “Pequena História da Fotografia” (1994), explora novamente o tema da capacidade humana de recriar o que se vê, ou se experimenta espacialmente, mais uma vez relacionando sua abordagem à arquitetura:

“Cada um de nós pode observar que uma imagem, uma escultura e principalmente um edifício são mais facilmente visíveis na fotografia que na realidade. A tentação é grande de atribuir a responsabilidade por esse fenômeno à decadência do gosto artístico ou ao fracasso dos nossos contemporâneos. Porém somos forçados a reconhecer que a concepção de grandes obras modificou simultaneamente com o aperfeiçoamento das técnicas de reprodução. Não podemos agora vê-las como criações individuais; elas se transformaram em criações coletivas tão possantes que precisamos diminuí-las para que nos apoderemos delas”. (BENJAMIN, 1994, p.104).

Walter Benjamin traça uma linha de fuga entre a cidade e as tecnologias da imagem, chegando mesmo a criar um personagem conceitual capaz de expressar a transformação da paisagem contemporânea, seja ela urbana ou não, em espaço transitório, lugar de passagem: o *flâneur*. O Flâneur, “ser ótico” por excelência, reinventa a paisagem urbana através de articulações topológicas que invertem as relações espaço-temporais:

“Uma embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo pelas ruas. A cada passo, o andar ganha uma potência crescente; sempre menor se torna a sedução das lojas, dos bistrôs, das mulheres sorridentes e sempre mais irresistível o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distante, de um nome de rua. Então vem a fome. Mas ele não quer saber das mil e uma maneiras de aplacá-la. Como um animal ascético, vagueia através de bairros desconhecidos até que, no mais profundo esgotamento, afunda em seu quarto, que o recebe estranho e frio.” (BENJAMIN, 1989,p.187)

Benjamin tenta mostrar a todo o momento que o pensamento que apresenta, apenas ilustra a riqueza de possibilidades do cotidiano. Tenta remover as distorções através das quais estamos acostumados a experimentar espaços e eventos e substituí-las por novas. Tenta nos levar a desenvolver estratégias de aproximação a nossos próprios problemas e nossas próprias interpretações dos eventos.

### **2.1.2. A Cidade**

A visão de Walter Benjamin sobre a metrópole, a partir dos poemas de Baudelaire, é estimulante para repensarmos a cidade. O seu ensaio “Sobre alguns Temas em Baudelaire” (1989), fornece-nos as bases para uma compreensão social da estética da grande cidade:

“Em Baudelaire, a massa é de tal forma intrínseca que em vão buscamos nele a sua descrição. Assim, seus mais importantes temas quase nunca são encontrados sobre a forma descritiva. (...) Em vão procurar-se-á, tanto em “As Flores do Mal”, como em “Spleen de Paris”, um tema equivalente aos afrescos urbanos, em que Vitor Hugo era mestra. Baudelaire não descreve nem a população nem a cidade. Ao abrir mão de tais descrições colocou-se em condições de evocar uma na imagem da outra.(...) Nos “Quadros Parisienses” é possível demonstrar, em quase toda parte, a presença secreta da massa”. (BENJAMIN, 1989, p.116).

Benjamin diverte-se na parte do “*Flâneur*” (1989, p.185), - o despropositado passante que se perde na cidade, parado atrás da multidão, cujo urgente e sincero propósito é não ter urgência alguma: perde-se no caminho e observa. *Ser* ou *estar flâneur* não parece fácil. A paz desse alguém que segue, é importante na determinação da escala de sua observação, e determina também o que se torna visível. A velocidade abrevia. No ensaio “Sobre alguns Temas em Baudelaire” (1989), Benjamin discorda desse pensador quanto ao tipo *flâneur*.

“Baudelaire achou certo equipar o homem da multidão, em cujas palavras o narrador do conto de Poe<sup>1</sup> percorre a Londres noturna em todos os sentidos, com o tipo do flâneur. Nisto não podemos concordar: o homem da multidão não é nenhum flâneur. Nele o comportamento tranqüilo cedeu lugar ao maníaco”.(BENJAMIN, 1989, p.121).

O *flâneur* de Benjamin, em sua atividade, chega à conclusão de que as ruas de Paris são como os muros de uma sala. Essa comparação soa sugestiva para o urbanista e para o arquiteto e, levam a se questionar, legitimamente, onde começa e termina a arquitetura, quais os limites, se porventura existirem.

Numa discussão sobre os escritos de Kafka, “Franz Kafka, A Propósito do Décimo Aniversário de Sua Morte”, Walter Benjamin (1994) questiona se Kafka pode ter definido *organização* como *destino*. Benjamin (1994) ilustra essa idéia referenciando a história de Kafka chamada “A Muralha da China”, colocando que alguns trechos de seus escritos podem ser considerados precursores de uma doutrina kafkaniana, afirmando que “eles são os precursores dessa doutrina, e a preparam (...), trata-se da questão da organização da vida e do trabalho na comunidade humana”. Benjamin ainda mostra que “A organização está constantemente presente em Kafka, não somente nas gigantes hierarquias de funcionários, em ‘O Processo’ e ‘O Castelo’, mas de modo ainda mais tangível nos incompreensíveis projetos de construção, descritos em ‘A muralha da China’ ”.

Em “A Muralha da China”, a organização social e o ato de construir convergem, um não existe sem o outro. Por essa ótica, um edifício não pode ser realizado, sem uma sociedade direcionada a um propósito comum. Assim, se tomarmos a arquitetura como um resultado físico, concreto da organização, podemos compreender a sensibilidade que Walter Benjamin explora, da cidade em relação ao comportamento das pessoas e grupo, *a massa*, organizada política e socialmente. Podemos, a partir desse pensamento, entender a cidade como evidência física do destino da massa, do nosso destino – ela representa o produto do nosso esforço. A arquitetura, de alguma forma confinando e contendo, trabalha o nosso destino: a cidade pode ser vista e entendida como o documento de nosso esforço, da força da massa.

Com seu pensamento, Walter Benjamin consegue de alguma forma, redirecionar o olhar do espectador diante da cidade, diante da arquitetura, forçando a uma mediação, em relação ao espaço, sobremaneira diversa, a tomar uma nova postura diante dos eventos.

## 2.2. Paul Virilio

Paul Virilio é, sem dúvida, um dos maiores e mais influentes críticos da era digital.

No livro “O Espaço Crítico”, o arquiteto e filósofo Paul Virilio (1993), parte da arquitetura e das políticas urbanas contemporâneas para investigar os efeitos sobre nossa consciência ética de um mundo que se organiza cada vez mais em sintonia e dependência com a difusão e produção de imagens e informações. Nesse universo *high-tech* da imediatez das imagens, a geopolítica sede lugar à cronopolítica em que os fundamentos da administração da velocidade e do tempo – e não mais do espaço – não são interditados

---

<sup>1</sup> POE, Edgar Allan (1809-1849): escritor norte-americano. Escreveu novelas, contos e poemas, exercendo larga influência em autores fundamentais como **Baudelaire**, **Maupassant** e **Dostoievski**. Admite-se hoje que a culminância de seu talento dá-se no gênero conto.

pelos especialistas, que consolidam a impermeabilidade da tecnologia à grande massa de leigos. Procedemos a uma interpretação desses temas dentro do pensamento de Virilio, relacionando-os à arquitetura, partindo das suas colocações acerca da transformação da percepção espaço-temporal, chegando a suas colocações sobre no contexto da sociedade tecnologizada em que vivemos.

### 2.2.1. Percepção do Espaço

Em “O Espaço Crítico”, Virilio (1993) coloca a questão de um espaço-tempo transformado pelas tecnologias da ação à distância. Virilio, antes de adotar meramente a postura de crítico diante desse ambiente permeado pelas tecnologias do digital, parte para uma abordagem deste como um fenômeno complexo, desencadeador de transformações extremas nos mais diversos referenciais das interações entre homem e meio ambiente, espaço e tempo.

Em seus escritos Virilio coloca que, os conteúdos da arquitetura, inseridos em sua materialidade imagem-forma, sofrem transformações em seus parâmetros básicos frente a uma complexificação das relações espaço-temporais. O pensamento arquitetônico passa a questionar o que pode vir a ser esse novo espaço urbano digital sobreposto, dissolvido no espaço concreto, um lugar sem local, a matéria da possibilidade de uma nova arquitetura. Nesse contexto Virilio acredita que as tecnologias gráficas da informática irão igualmente forçar uma reavaliação da “realidade” e de sua representação.

Virilio cita o emprego recente de uma colocação de Walter Benjamin (como slogan de uma propaganda comercial) referente à natureza da arquitetura – *“Uma imagem perfeita em todas as velocidades, é fantástico, parece real”*. fazendo referência a atualidade do pensamento desse filósofo como ferramenta capaz auxiliar no entendimento e descrição de uma realidade intrinsecamente permeada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação:

“Este slogan comercial de um videocassete alemão, que prolonga tão bem a citação de Walter Benjamin sobre a natureza da arquitetura, ilustra também o fim da perspectiva ótica clássica, o surgimento de uma pseudoperspectiva ótico-eletrônica, perspectiva acelerada (fantástica) centrada menos em um “ponto de fuga” de que sobre a fuga simultânea de todos os pontos, de todos os instantes, em uma transmissão em que os pontos sem dimensão (pixel) e os instantes sem duração perceptível compõe uma imagem cuja perfeição formal provém menos de uma convergência ótica do que de uma comutação de informações, transmissão em que a velocidade de propagação eletrônica equivale subitamente a uma estabilidade ocular, estabilidade que sucede, na interface catódica, a antiga estática dos materiais.” (VIRILIO, 1993, p.67)

Nesse contexto Virilio trata ainda da transformação do olhar do espectador, desse, como o *flâneur* de Walter Benjamin, “ser ótico”, que talvez possamos chamar de *ciborg*<sup>2</sup>. Esse novo ser, como o *flanêur*, pode exprimir a transformação de uma paisagem – agora digital – em espaço transitório, lugar de passagem. Esse *“ciberflanêur”*<sup>3</sup> também parece capaz de reinventar a paisagem desse urbano virtual através de articulações topológicas que invertem as relações espaço-temporais.

No entanto, esse novo “ser ótico” parece, segundo questiona Virilio, ter deixado de acreditar em seus próprios olhos:

“Como podemos ter deixado de acreditar em nossos próprios olhos para crer tão facilmente nos vetores da representação eletrônica e, sobretudo, no vetor velocidade da luz?” (VIRILIO, 1993, p.31).

---

<sup>2</sup> O “ciborg”, ou “organismo cibernético”, representa uma visão radical do que significa ser um humano no mundo ocidental no fim do século XX. A cibernética propôs que o corpo humano fosse concebido como uma rede de comunicações cujo sucesso operacional está baseado na “reprodução acurada de um sinal” (WIENER, 1954).

<sup>3</sup> A idéia de “ciberflanêur” foi proposta recentemente pelo arquiteto William Mitchell, numa aproximação ao termo aqui empregado, o “netflanêur”.

Assim, Virilio parte para uma reflexão que diz respeito, sobretudo a própria natureza do espaço e sua percepção.

“A profundidade de tempo sucedendo assim às profundidades de campo e espaço sensível, a comutação da interface suplantando a delimitação das superfícies, a transparência renovando as aparências: não estaríamos no direito de nos perguntar se o que insistimos em chamar de ESPAÇO não seria tão somente a LUZ...”. (VIRILIO, 1993, p.48)

Podemos considerar que, na medida em que Virilio relaciona diretamente espaço e luz, esse novo *fruidor-observador* de espacialidades virtuais continua a ser, como o *flâneur* de Benjamin, sensível, em última instância, ao espaço; continua capaz de interpretar eventos relacionados à natureza deste *espaço-luz*: a relação do personagem com o espaço continua mediada pelo olhar.

### 2.2.2. A Cidade

Quando trata da questão da cidade, do ambiente urbano, Virilio coloca-a sob a ótica de uma manifesta transmutação das noções de limite e dimensão. Dentro dessa discussão discute também as interações e inter-relações desse “novo” espaço com seus habitantes. Virilio coloca que,

“Nessa ‘cidade sem portas’, o espaço construído não o é exclusivamente pelo efeito material e concreto das estruturas construídas, da permanência de elementos e marcas arquiteturais ou urbanísticas, mas igualmente pela súbita proliferação, a incessante profusão de efeitos especiais que afetam a consciência do tempo e das distâncias, assim como a percepção do meio.” (VIRILIO, 1993, p.16).

Virilio coloca a questão da transmutação da cidade concreta e espaço-tempo virtual:

“Nessa perspectiva sem horizonte na qual a via de acesso à cidade deixa de ser uma porta ou um arco do triunfo para transformar-se em sistema de audiência eletrônica os usuários são menos os habitantes, residentes, privilegiados, do que os interlocutores em trânsito permanente.” (VIRILIO, 1993, p. 8)

Enfatizando ainda a questão do tempo relacionado ao espaço, Virilio (1993) coloca que “a partir de então, a ruptura de continuidade não se dá tanto no espaço de um cadastro ou no limite de um setor urbano, mas principalmente na duração”. Virilio se aprofunda ainda na questão da *duração* no âmbito da arquitetura, mostrando que:

“Da estética da aparição de uma imagem estável, presente por sua própria estética, a estética do desaparecimento de uma imagem instantânea, presente por sua fuga (cinemática ou cinematográfica), assistimos a uma transmutação das representações. A emergência de formas e volumes destinados a persistir na duração de seu suporte material, sucederam-se imagens cuja única duração é a da persistência retiniana”. (VIRILIO, 1993, p. 19).

Virilio apresenta assim o novo ambiente que se sobrepõe ao espaço da cidade concreta e se relaciona intrinsecamente com ele, esse ambiente digital, virtual, o *espaço-luz*: a cidade por onde passeiam os novos *flâneurs*.

### 2.3. Teorias Filosóficas do Espaço

Apresentados os olhares desses dois importantes pensadores – Walter Benjamin e Paul Virilio –, inseridos cada qual em tempo e espaço específicos, procuramos mostrar as relações entre estes e a importância dessas reflexões para a construção de um pensamento arquitetônico.

O pensamento dos dois filósofos se afina na medida em tratam da questão da percepção e interação com o espaço através do *olhar*, permeada pelas tecnologias, pela presença do *espectador fruidor* desse espaço, capaz de reinventar a paisagem – concreta ou virtual - através de articulações topológicas que invertem as relações espaço-temporais. Ambos relacionam a interação com o ambiente ao exercício da investigação pelos sentidos. Nessa abordagem, a referência ao pensamento de Benjamin é recorrente na obra de Virilio:

“Walter Benjamin escreveu certa vez, ‘uma pintura de Klee chamada ‘Angelus Novus’ mostra um anjo olhando como se estivesse para se mover em direção a alguma coisa que estivesse fixamente contemplando. Seus olhos estão estáticos, sua boca aberta, suas asas estão abertas. (...) Hoje, essa visão (...) tornou-se a visão de cada um de nós e de todos nós’”. (VIRILIO, 2000, p. XII)

Virilio faz várias referências ao pensamento de Walter Benjamin, atualizando suas colocações acerca da arquitetura, trazendo-o para o contexto de uma realidade hipermediatizada, comparando, rerepresentando, re-contextualizando, utilizando suas idéias como argumento auxiliar a suas próprias colocações no âmbito dessas questões. Aqui podemos citar uma passagem de “O Espaço Crítico”, no capítulo Arquitetura Improvável”, onde fala de representação espacial, da materialidade:

“E admirável observar aqui o quanto Benjamin renega à arquitetura a sua essência, que no entanto é exatamente a ocultação, a propriedade de abrigar das intempéries, mas igualmente dos olhares. Para ele o arquitetônico não é mais da ordem da resistência, dos materiais, das aparências, mas antes da ordem das transparências, da ubiquidade e da instantaneidade”. (VIRILIO, 1993, p.56)

A afinidade entre o pensamento desses dois grandes nomes se evidencia, nesse ponto, quando Virilio afirma, nesse mesmo capítulo:

“Atualmente, com ubiquidade óptico-eletrônica e sua incidência sobre a configuração do território. [...] na forma-imagem, a criação está frente ao homem de uma maneira inteiramente nova [...] transparência das distâncias que renova não somente as aparências físicas dos materiais, mas também a configuração morfológica e arquitetônica do ambiente humano.” (VIRILIO, 1993, p. 62)

### 3. Considerações Finais

#### 3.1. Do Flâneur ao Ciborg

Walter Benjamin com o Flâneur formula um personagem conceitual capaz de exprimir a transformação da paisagem contemporânea, em espaço transitório, lugar de passagem: esse “ser ótico” por excelência, reinventa a paisagem urbana através de articulações topológicas que invertem as relações espaço-temporais.

Virilio, não chega a formular um personagem conceitual, mas se aproxima de Benjamin quando trata da transformação do olhar do espectador, desse que, como o *flâneur* de Walter Benjamin, também é capaz de exprimir a transformação de uma paisagem – agora digital – em espaço transitório, lugar de passagem. Podemos a partir daí, considerar a figura de um “*ciberflâneur*” .

A idéia de “*ciberflâneur*” foi proposta recentemente pelo arquiteto William Mitchell<sup>5</sup>, numa aproximação ao termo aqui empregado, o “netflâneur”. Esse flâneur do digital passeia por espaços virtuais, com expressão de suposta liberdade, autocontrole dentro do caos.

---

<sup>4</sup> Tradução livre da autora.

<sup>5</sup> William Mitchell (1944 - ) é arquiteto, atualmente professor de Arquitetura e Mídia- Arte e Ciências e Presidente da “School of Architecture and Planning no MIT (Massachusetts Institute of Technology).

Nesse contexto, a aproximação da figura do arquiteto da de um “possível” “ciberflâneur”, pode contribuir sobremaneira para um enriquecimento do debate em arquitetura, acerca da concepção de espacialidades concretas, híbridas ou completamente virtuais.

### **3.2. Arquitetura e Filosofia**

O arquiteto Carlos Teixeira (2004) em artigo intitulado “Espaço & Tempo X Lugar & Ocasão”, publicado no periódico eletrônico Vitruvius<sup>6</sup>, fala sobre uma ansiedade característica de épocas de transição que se torna mais explícita na atualidade e coloca para os arquitetos, a necessidade de construir novas alternativas no âmbito da arquitetura e desenho urbano. Coloca a relevância de discussões em torno do urbano, do que chama “novas formas de urbanidade”. Discussões estas, intimamente relacionadas às questões apresentadas no presente trabalho, no âmbito da filosofia.

“Depois das a-geografias do urbanismo moderno e das intervenções pontuais e contextualizadas do pós-modernismo, um conjunto de discussões sobre novas formas de urbanidade têm emergido, mesmo que provavelmente haja apenas um único denominador comum compartilhado por elas: a cidade, objeto de pensamento e sítio de uma intervenção, é agora colocada como uma tentativa de se revelar, compreender, e transformar os vários estados de realidade que as limitações políticas, estilísticas, e tecnológicas de arquiteturas passadas foram incapazes de propor. Se tais discussões gerarão melhores padrões de organização urbana é ainda um fato duvidoso, mas cabe alentar que ao menos está-se forjando novas possibilidades para a resolução do predicamento das cidades”. (TEIXEIRA, 2004)

Para que tais discussões sejam efetivamente capazes de gerar melhores padrões de organização urbana, como pondera o arquiteto, o diálogo entre pensamento arquitetônico e filosofia é crucialmente importante. No próprio discurso de Carlos Teixeira, fica clara a relação entre essas discussões no âmbito da arquitetura e as reflexões filosóficas aqui apresentadas:

“Dentro dos mais recentes debates sobre a relação cidades/novas tecnologias emergentes, o mais sedutor parece ser o que diz respeito às cyber-cidades: a manifestação das últimas conseqüências da ‘compressão espaço-tempo’,<sup>6</sup> onde as condições de espacialidade e temporalidade são radicalmente transformadas no mundo da realidade virtual. Estas novas ‘cidades’ - dizem seus entusiastas - transformam a noção do tempo e do espaço (agora visualizado em redes de computadores), interligando lugares fisicamente distantes ao redor do mundo, e comunicando vastas concentrações de informação estocadas como códigos eletrônicos”. (TEIXEIRA, 2004)

O arquiteto Marcos Novak, como muitos de sua geração, é fortemente influenciado pelo pensamento do filósofo Paul Virilio. Em suas colocações, Novak (2004) afirma que “a arquitetura do nosso tempo é, ainda do ponto de vista informacional, de concepção algorítmica, de execução computadorizada e habitada de uma forma interativa. É, também, uma arquitetura de espaço virtual vigilante e de amostras de tempo astutas”.

Podemos, a partir das questões colocadas no presente trabalho, ponderar acerca de uma essencial e efetiva contribuição dessas investigações filosóficas para o pensamento arquitetônico, na medida em que fornecem aos arquitetos ferramentas, possibilidades, para descrever o que experimentamos espacialmente. Com a habilidade de descrever o que experimentamos, podemos alcançar a possibilidade de análise e, a partir dessa possibilidade, ter o poder de transformar nossa atitude ao conceber novos espaços, nossa atitude dentro de um processo de design de espacialidades em arquitetura.

---

<sup>6</sup> <http://www.vitruvius.com.br>

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Antonio Luiz M. **Cidade, A Embalagem da Memória**. Disponível em: <<http://carlota.cesar.org.br/arqbr/newstorm.notitia.apresentacao.ServletDeNoticia?codigoDaNoticia=6608&dataDoJornal=atual>>. Acesso em: 23 abr. 2004.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio de Janne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras Escolhidas; v.1)
- BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. – (Obras Escolhidas; v.2)
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo**. Tradução José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. – (Obras Escolhidas; v.3)
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores, Heidegger)
- JONES, Michael Paul. **Michael Paul Jones, Western Carolina University: Notes Toward a Philosophy of Architectural Space**. Disponível em: <[http://shot.press.jhu.edu/syllabi/MPJones\\_philspace.html](http://shot.press.jhu.edu/syllabi/MPJones_philspace.html)>. Acesso em: 23 abr. 2004.
- NOVAK, Marcos. **Transarquitetura e o Transmoderno**. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/brasmitte/portugues/novak\\_texto01.htm](http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/brasmitte/portugues/novak_texto01.htm)>. Acesso em: 27 abr. 2004.
- TEIXEIRA, Carlos M. **Espaço & Tempo X Lugar & Ocasão**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp006.asp>>. Acesso em: 10 abr. 2004
- VIRILIO, Paul. **A Landscape of Events**. Tradução Julie Rose. Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 2000.
- VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. Tradução Paulo Roberto Pires. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. 160 p.
- VITALE, Daniele. **Prof. Dr. Daniele Vitale do Politécnico de Milão, Itália: aulas da disciplina SAP 5867 - Tópicos Especiais 4: Pesquisa em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo**. Notas de aula: RIBEIRO, Clarissa. Aulas ministradas no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC.USP, São Carlos: dias 03, 04, 05, 10 e 12 de março de 2004.
- WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade: O Uso Humano dos seres Humanos**. Tradução José Paulo Paes. Editora Cultrix, São Paulo, 1954.